

Sempre o método de contornar problemas

Ricardo Amaral

Brasília — Quando alguma coisa não vai bem no governo, o presidente José Sarney reage com uma alternativa pouco ortodoxa: ao invés de substituir a peça que não funciona a contento, chama um amigo ou pessoa de confiança para fazer, de fato, o papel que cabe à peça defeituosa. E por essa via torta que trafega a última invenção do presidente: fazer do deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) o líder do governo no Congresso Constituinte, foro onde Sarney não vislumbra articuladores políticos eficientes e raiz das dores de cabeça que o governo sofreu nos últimos dias.

Em menos de dois anos de governo, Sarney salpicou sua biografia administrativa com exemplos dessa conduta. Quando tinha que governar com a equipe econômica formada por Tancredo Neves, o presidente da República tratou de montar seu pequeno ministério de fundo de quintal. Francisco Dornelles ainda era ministro da Fazenda, mas Sarney preferia os conselhos domésticos do genro Jorge Murad e do assessor para assuntos econômicos do Palácio do Planalto, Luís Paulo Rosenberg. Substituído Dornelles por Dilson Funaro, Rosenberg, que não é da família, saiu de cena e do Palácio.

No Ministério da Justiça o presidente Sarney herdou um jurista de Caruaru, o deputado Fernando Lyra (PMDB-PE), que quase entornou o azedo caldo do governo com a Igreja, porque desejava *in petto* liberar um filme que os bispos queriam proibido. Definitivamente não merecia a confiança de Sarney, embora as relações entre ambos fossem (e sejam) as mais cordiais. O Ministério da Justiça de verdade foi se alojar na sala do amigo Célio Borja, recompensado com o posto de ministro do Supremo Tribunal Federal, depois que Lyra foi substituído por um jurista de Bagé, o confiabilíssimo Paulo Brossard.

O ministro de verdade para as relações exteriores continua no mesmo lugar: É o embaixador Rubens Ricúpero, mais apto para as artes da diplomacia que os paulistas Olavo Setúbal e seu substituto, Abreu Sodré, tão afinados politicamente com o presidente quanto desastrados na condução de assuntos de política internacional. E funcionando como um coringa, para quebrar-galhos em qualquer ministério, aparece o consultor-geral da República, Sául Ramos, capaz de destrinchar o regimento da Constituinte ou o mecanismo para o reajuste dos aluguéis residenciais.

Quando o presidente Sarney se convenceu de que a máquina administrativa andava emperrada, nomeou o amigo Fernando César Mesquita para as funções de um supercapataz de ministros ineficientes. Mas o substituto de Mesquita na secretaria de Imprensa, Frota Neto, herdou o problema de deterioração da imagem do governo nos meios de comunicação. Foi a deixa para entrada em cena de outra solução aos estilos Sarney — a ressurreição da Secom, onde o jornalista Getúlio Bitencourt duplica as funções de Frota Neto.

Agora o governo se vê diante de outro problema complicado: Seus articuladores políticos por vocação do cargo — os ministros Brossard e Marco Maciel — não têm poder sobre as bancadas do PMDB e do PFL na Constituinte. O próprio caráter soberano da Assembléia recomenda que não haja outros líderes nos debates.

Desconfiado da rebeldia das bancadas dos partidos que o sustentam, Sarney cria de novo o cargo de líder do governo no Congresso, para ser a voz do governo no traçado da Constituição. Alguém já teve o mesmo título agora dado ao deputado Santana. Era o senador Fernando Henrique (PMDB-SP). Com ele, a experiência não deu certo.